

PARADIGMAS, MODERNIDADE, EDUCAÇÃO.José Adair Xavier Chaves¹

É possível afirmar que a humanidade fundamenta-se em duas tradições civilizadoras significativas que orientam ao longo dos tempos a construção dos seres humanos, são elas a judaica e a grega, onde com os hebreus nos tornamos seguidores da humildade que acredita na existência de um ser superior possuidor de todos os poderes que lhe possibilitou a criação do mundo e de todas as coisas, e que em função disso seus adeptos seriam orientados e doutrinados pelo divino para tomar suas decisões e continuar sua vida plena e correta. Com relação a tradição grega surge aqui a necessidade do pensamento, do entendimento do ser, exigindo desse homem o conhecimento do seu “eu” interior, possibilitando-lhe a identificação o questionamento e a identificação com clareza do meio em que estamos.

Em função disso nossa construção como ser humano é baseada, na maneira de como enxergarmos o mundo e tudo que esta ao nosso redor, tendo como alavanca o amadurecimento dos sentimentos e o surgimento de um novo conhecimento. Isso tudo é fruto das nossas vivências que se compõe através das alegrias, dos sofrimentos, das desavenças da estranheza com o diferente, da solidão sofrida e muitas vezes inevitável, e também das angustias e situações que não aceitamos que por sua vez trazem além das marcas e marcos, também nossas rugas expressivas que acabam expondo uma parte de nossa história. Emerge assim nossos paradigmas onde podemos defini-los como crenças, conceitos, normas e valores que são adquiridos pela vivência social e cultural e que nos impulsionam ou impedem de realizarmos determinadas ações.

¹ O autor possui Licenciatura e Bacharelado em Sociologia pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (2007) Tecnólogo graduado pelo Curso Superior de Tecnologia em Agroindústria e Agropecuária, com ênfase em fermentados e hortaliças pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (2007) Eletrotécnico graduado pela Escola Técnica Federal de Pelotas (1979) e Mestrando em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul.

Vale aqui nos reportar a modernidade para traçarmos a evolução do pensamento daquele homem que surgira em função do seu desconforto da não aceitação das situações outrora vividas, pois a modernidade trouxe no seu histórico, alterações e questionamentos de sua época onde podemos defini-la como um conjunto de transformações que se iniciou a partir do século XV e que se estenderam até o século XVIII, envolvendo aspectos culturais (o Renascimento), políticos (o surgimento dos Estados Nacionais Absolutistas) e econômicos (o Capitalismo Comercial.)

O século XVII foi um período em que a humanidade vivia sob uma identidade e um destino definido pela tradição, pelo poder político e pela religião. Tratava-se de uma era de neutralidade, onde a reprodução social, e economia ocorriam de maneira estável e previsível, os usos e costumes vinham de séculos, os preconceitos e segregações eram estabelecidos e a naturalização das desigualdades os dogmas da Igreja e de políticos eram a verdade da realidade, confirmando o pensamento de que “o mundo era o que era porque assim deveria ser”.

Pelo viés sociológico vale ressaltar a concepção dos clássicos da sociologia, Marx, Weber, Durkheim, onde Marx, afirmava que a modernidade é a época do conflito entre o desenvolvimento das forças produtivas incluindo aí, as ciências, incentivadas e criadas pela burguesia, e as relações de produção e de propriedade, incluindo aí o conjunto de normas éticas e costumes morais que fundamentam e caracterizam o sistema de vida burguês(MARX, 1981, p.22). Para Weber, a modernidade é descrita como a época da “organização capitalística racional assentada no trabalho “formalmente livre”. Isto é, trata-se da época do advento da “organização industrial racional, orientada para um mercado real, deixando à parte as oportunidades políticas ou especulativas de lucro (WEBER, 1987, p.7)”. Finalizando em Durkheim onde a crescente divisão do trabalho e as especializações geram uma crescente interdependência entre os membros da sociedade: desenvolve-se uma coesão social baseada não mais na igualdade das pessoas e no total envolvimento da “consciência social” na “consciência coletiva”, mas, sim, baseada na diferenciação e complementaridade entre os membros da sociedade. (DURKHEIM, 1984, p.79).

Portanto uma nova realidade passou então a ser vivida através da modernidade, onde a explicação deixou de ser entendida pelo divino, determinismo histórico ou fato natureza, obtendo a explicação pela condição social do homem que agora pensava e questionava sobre sua situação, surgindo desta forma a valorização e a liberdade subjetiva dos indivíduos. De acordo com MARQUES (1993), o “homem conhece o mundo ao transformá-lo pelos instrumentos materiais e conceituais que elabora”. Transforma para conhecer.

As transformações históricas vivenciadas por este homem confirmam que enxergamos e vivemos a cada dia, aprimorando ou tentando aprimorar o conhecer, ou o entender. Desta forma chegamos ao aflorar do conhecimento obtido através da subjetividade e intersubjetividade, onde a primeira é entendida como o mundo íntimo, interno do indivíduo que renasce e passa a agir sob seu novo olhar, e a segunda lhe possibilita se relacionar com o mundo externo, social, resultando tanto em marcas singulares na formação do indivíduo quanto na construção de crenças e valores compartilhados na dimensão cultural que vão constituir a experiência histórica e coletiva dos grupos e populações. De acordo com Boufleuer:

Conhecimento seja ele relativo ao mundo objetivo, ao mundo social ou ao mundo subjetivo, é sempre uma produção intersubjetiva, uma relação social. É sempre resultado de um entendimento dos sujeitos acerca de algo que faz parte de seus mundos. Nesse sentido, conhecimento é uma construção sempre provisória e passível de revisão (BOUFLEUER, 1997, p 12).

Estes conceitos podem ser entendidos fazendo uma analogia com os trabalhadores das minas de carvão que apesar da escuridão profunda, enxergam através de seus focos de luz individuais adaptados em seus capacetes, que lhes proporcionam através da união do compartilhamento uma visão ampla e clara alcançando dessa forma seus objetivos. Toda essa luminosidade pode ser interpretada como um circuito tensionado, gerado através das interações com o outro, seja ele o professor que deve direcionar suas forças para potencializar as pessoas ao invés de gerar discípulos, seja ele o mais humilde dos trabalhadores que com sua humildade nos mostra que é possível ser feliz com as coisas simples, seja ele também aquele sujeito que lhe julgamos a margem da sociedade e acaba nos balizando sobre a nossa conduta, nossa idoneidade e também nossos valores.

Baseado nestas colocações pergunta-se, como poderemos buscar o êxito na docência, na arte de ensinar, na tentativa de construir intelectualmente um ser humano, após todas as transformações e algumas incertezas desse novo tempo que envolve o homem? Para o êxito, precisamos acreditar que ao ensinar estaremos colaborando para o “desembaçamento dos óculos”, ou o “trocar de lentes”, objetivando enxergar um mundo melhor e ser também enxergado através do conhecimento adquirido. Conforme afirmação de Marques:

... o conhecimento não se funda na interpretação intelectual dos fenômenos, mas na determinação de transformá-los para dominá-los. Realiza-se o conhecimento do fenômeno à medida que ele é produzido pelo homem com o recurso da dupla instrumentalidade: da hipótese conceitual e do instrumento científico que a encarna e materializa. Os fenômenos são tecnicamente constituídos; não são dados, mas resultados; não se descrevem, mas se produzem. No experimento combinam-se a observação metódica indutiva com o uso dos instrumentos adequados como é o cálculo matemático, indispensável à explicação ou interpretação (MARQUES, 1993:42).

Na docência o educador deve estar ciente de sua missão complexa de transmitir o conhecimento e de instigar para a busca desse conhecer, baseando-se que a educação de hoje, requer que este, no mínimo, tenha conhecimento do seu próprio “eu”, pois, além disso, deve dispor de um conhecimento profundo de sua área de atuação, uma base cultural, científica e humanística ampla; uma boa capacidade de trabalho em equipe; de enfrentamento em relação aos desafios próprios, enfim o saber lidar com as incertezas, redundando na consciência da educação continuada para reduzir os riscos de desatualização.

São oportunas as afirmações do grande filósofo Kant com relação ao ensino, onde afirma que educar não se restringe a determinado espaço ou tempo, mas se refere à visão histórica de ser humano que o coloca como um sujeito universal, significando uma formação de um cidadão adaptado aos planos político e social. E cabe aqui ressaltar a Alegoria da Gaverna, idealizada por Platão onde resume a aprendizagem do homem, buscando as verdadeiras idéias no mundo maravilhoso do incognoscível, estabelecendo uma comparação entre o mundo sensível e o mundo inteligível, levando esclarecimento ao homem através do conhecimento e do saber. Talvez a alegoria da caverna sirva de referência para entender e construir o novo homem de nosso tempo, onde a educação tem a tarefa não só de transmitir os valores que julga centrais, mas também flexibilizá-los diante de novas situações.

BIBLIOGRAFIA

- BOUFLEUER, José Pedro. **Pedagogia da ação comunicativa**: uma leitura de Habermas, Ijuí: UNIJUÍ, 1997
- DURKHEIM, Emile. *A divisão do trabalho social*. Trad. Eduardo Freitas e Maria Inês Mansinho. Vol. 1. Lisboa: Presença, 1984, pág. 79-125.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996
- MARQUES, Mario Osório. **Conhecimento e modernidade em reconstrução**. Ijuí: UNIJUÍ, 1993
- MARX, Karl. *Manifesto do Partido Comunista*. In. Marx, K e Engels, F. Obras escolhidas. São Paulo: Alfa-omêga, vol. 1, pág. 22.
- KANT, Immanuel. **A paz perpétua e outros opúsculos**. Tradução de Artur Morão. Portugal, Edições 70, 2002.
- PLATÃO. **A república**. Tradução de Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1987, pág. 7.